



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO URBANO E
REGIONAL

PAULA JUNQUEIRA BRAGA DO CARMO FONTANHA

CORPOS EM MOVIMENTO: HETEROTOPIAS, MIGRAÇÃO LÉSBICA
E A NORMATIVA ESPACIAL DA HETEROSSEXUALIDADE
COMPULSÓRIA

RIO DE JANEIRO

2026

PAULA JUNQUEIRA BRAGA DO CARMO FONTANHA

CORPOS EM MOVIMENTO:

**heterotopias, migração lésbica e a normativa espacial da
heterossexualidade compulsória**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado do curso de Especialização em Política e Planejamento Urbano do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Profª Drª Mariana Luscher Albinati

Rio de Janeiro

2026

CIP - Catalogação na Publicação

F324c FONTANHA, PAULA JUNQUEIRA BRAGA DO CARMO
Corpos em movimento: heterotopias, migração
lésbica e a normativa espacial da
heterossexualidade compulsória / PAULA JUNQUEIRA
BRAGA DO CARMO FONTANHA. -- Rio de Janeiro, 2026.
20 f.

Orientador: Mariana Luscher Albinati.
Trabalho de conclusão de curso (especialização) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto
de Pesquisa e Planejamento Urbano Regional, Política
e Planejamento Urbano, 2026.

1. Deslocamento espacial. 2. Cidade. 3. Vivência
urbana. 4. Lesbianidade. 5. Mulher. I. Luscher
Albinati, Mariana, orient. II. Título.

PAULA JUNQUEIRA BRAGA DO CARMO FONTANHA

CORPOS EM MOVIMENTO:

heterotopias, migração lésbica e a normativa espacial da heterossexualidade compulsória

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado do curso de Especialização em Política e Planejamento Urbano do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista.

Aprovado em

 Documento assinado digitalmente
MARIANA LUSCHER ALBINATI
Data: 01/07/2026 10:24:30-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profª Drª Mariana Luscher Albinati

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional - UFRJ

 Documento assinado digitalmente
SORAYA SILVEIRA SIMÕES
Data: 28/06/2026 16:14:37-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profª Drª Soraya Silveira Simões

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional - UFRJ

RESUMO

A produção espacial é um fenômeno profundamente marcado por relações de poder, normas sociais-estruturais e práticas sociais que indicam quais expressões corporais podem vivenciar as dinâmicas espaciais, seja no âmbito da circulação, da habitação, do pertencimento ou da vivência cotidiana na cidade. Nesse sentido, o presente trabalho busca articular uma perspectiva dos estudos culturais na relação entre deslocamento espacial através do movimento migratório entre cidades de diferentes portes, sexualidade lésbica, poder e espaço. A migração lésbica, portanto, representa o deslocamento espacial enquanto possibilidade de construção de relações com um novo espaço. Desse modo, articular migração e sexualidade possibilita uma frente de discussão que escapa dos estudos tradicionais convergindo com a frente de estudos culturais, uma vez que envolve a discussão sobre subjetividade e políticas que desafiam a lógica de poder fundamentada na ciência universal e homogênea. A pesquisa, portanto, pretende contribuir para o debate sobre espacialidade urbana através do recorte do corpo e vivência da mulher lésbica. Assim, os estudos sobre deslocamentos espaciais ao considerar o deslocamento espacial lésbico desafiam a homogeneidade científica, uma vez que questiona normas e dinâmicas universalizantes e hegemônicas de relações sociais e espaciais.

Palavras-chaves: Deslocamento espacial; Cidade; Vivência urbana; Lesbianidade; Mulher.

ABSTRACT

Spatial production is a phenomenon deeply shaped by power relations, socio-structural norms, and social practices that determine which bodily expressions are allowed to experience spatial dynamics, whether in terms of mobility, habitation, belonging, or everyday urban life. In this context, the present study seeks to articulate a Cultural Studies perspective on the relationship between spatial displacement through migration between cities of different sizes, lesbian sexuality, power, and space. Lesbian migration, therefore, represents spatial displacement as a possibility for constructing relationships with a new space. Thus, connecting migration and sexuality opens a field of discussion that moves beyond traditional migration studies and converges with Cultural Studies approaches, as it involves debates on subjectivity and politics that challenge power structures grounded in universal and homogeneous scientific paradigms. This research aims to contribute to the debate on urban spatiality through the lens of the lesbian woman's body and lived experience. Therefore, studies of spatial displacement that take lesbian migration into account challenge scientific homogeneity by questioning universalizing and hegemonic norms and dynamics that shape social and spatial relations.

Keywords: Spatial displacement; City; Urban experience; Lesbianity; Woman.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	6
2.	NORMATIVIDADE HÉTERO E O PENSAMENTO ESPACIAL	7
3.	DINÂMICAS E DESLOCAMENTOS ESPACIAIS: SEXUALIDADE, LESBIANIDADE E HETEROTOPIA ENTRE PARTIDAS E CHEGADAS	10
4.	MIGRAÇÃO, ESPACIALIDADE DISSIDENTE E CORPORALIDADE: POR UMA INVESTIGAÇÃO FUNDAMENTADA NA INTERSECCIONALIDADE.....	14
5.	CONCLUSÃO.....	17
	REFERÊNCIAS	19

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca articular uma perspectiva dos estudos culturais na pesquisa sobre a vivência urbana entendendo que há uma diversidade no campo, para tanto, articula-se cultura, sexualidade, poder e espaço a partir de uma investigação científica prévia – fruto do desenvolvimento de uma dissertação de mestrado acerca do deslocamento espacial de mulheres lésbicas entre cidades de diferentes portes no contexto do Paraná – entendendo que a cultura é fruto da diversidade social, sendo ela materializada em objetos, traçados, prédios, estruturas, relações sociais, práticas e comportamentos. Para tanto, inicialmente, elucida-se que a produção espacial é um fenômeno profundamente marcado por relações de poder, normas sociais-estruturais e práticas sociais que indicam quais expressões corporais podem vivenciar as dinâmicas espaciais, seja no âmbito da circulação, da habitação, do pertencimento ou da vivência cotidiana. Nesse sentido, a experiência corpórea lesbiana revela tensões entre corpo, espaço, poder e sexualidade.

A migração lésbica, portanto, representa o deslocamento espacial enquanto possibilidade de construção de relações com um novo espaço. A migração interna no Brasil constitui um fenômeno multifacetado, intrinsecamente ligado a fatores econômicos, sociais e culturais que moldam as dinâmicas populacionais e as configurações espaciais do país. Nesse sentido, articular migração e sexualidade possibilita uma frente de discussão que escapa dos estudos tradicionais do campo do planejamento urbano e converge com a frente de estudos culturais, uma vez que envolve a discussão sobre subjetividade e políticas que desafiam a lógica de poder fundamentada na ciência universal e homogênea.

É importante salientar que para mulheres lésbicas, os deslocamentos espaciais adquirem significados adicionais para além de fatores econômicos, uma vez que envolvem não apenas a transição geográfica, mas também a busca por ambientes mais acolhedores e inclusivos, onde possam expressar plenamente suas identidades e orientações sexuais. Portanto, o objetivo deste trabalho, a partir dos estudos culturais, consiste em elaborar uma discussão teórica que possibilite investigar como os deslocamentos espaciais entre cidades de diferentes portes influenciam as vivências de mulheres lésbicas, considerando as dinâmicas identitárias e espaciais

envolvidas, bem como a influência da heterossexualidade compulsória (Rich, 2012) enquanto norma social de controle de corpos e práticas. Portanto, busca-se compreender de que maneira a migração atua como estratégia para lidar com estruturas sociais repressivas e como as diferenças interseccionais, como raça, classe e religião influenciam essas experiências.

É importante destacar também que a relevância deste estudo se destaca ao evidenciar a lacuna existente na produção científica sobre as vivências de mulheres lésbicas, conforme identificado em revisões sistemáticas da literatura no campo da geografia por (Santos, et. al., 2024). Assim, elucida-se que a articulação entre os conceitos de heterotopia (Foucault, 2013), heterossexualidade compulsória (Rich, 2012), e a discussão sobre espaço fundamentada em Silva (2009), Rose (1993) e Lefebvre (2001) colaboraram para uma frente de discussão contra-hegemônica em amplo crescimento nos estudos sobre cultura.

Para tanto, a fim de promover uma discussão teórica a partir de uma investigação prática que possibilite a ampliação do campo dos estudos de sexualidade frente à perspectiva cultural e contemplar o objetivo geral proposto, este trabalho se estrutura em cinco partes, sendo a primeira voltada para as considerações iniciais, sente este campo introdutório; a segunda, a terceira e a quarta contemplam a discussão teórica e a articulação dos conceitos com relatos de vida através de análise de conteúdo de entrevistas de lésbicas migrantes; a quinta se volta para as considerações finais que visa articular as seções anteriores do trabalho e deixar caminho aberto para sequência de investigação científica na temática, que apesar de recente, é necessária no campo dos estudos urbanos. Entende-se que essa estrutura possibilita a compreensão entre um trabalho previamente elaborado com a discussão – nova – desenvolvida na disciplina de Cultura e Cidade.

2. NORMATIVIDADE HÉTERO E O PENSAMENTO ESPACIAL

A experiência migratória é um fenômeno profundamente geográfico, marcado por partidas, chegadas e pela complexa dinâmica de atravessar espaços que carregam diferentes normas, valores e possibilidades. Nessa perspectiva, o fenômeno migratório envolve as trajetórias de deslocamento, que muitas vezes é permeado por dores, incertezas, mas também por processos libertadores de afirmação identitária e construção de autonomia. Portanto, a migração possibilita não apenas deslocamentos

físicos, mas também simbólicos, que refletem diretamente na maneira como suas identidades lésbicas são percebidas, vividas e reivindicadas.

A compreensão das relações entre sexualidade, identidade e espaço heterotópicos constitui um horizonte investigativo relativamente recente na Geografia brasileira, notadamente dentro das chamadas geografias feministas e das sexualidades. No entanto, apesar dos avanços teórico-metodológicos promovidos nas últimas décadas no campo dos estudos culturais que possibilita a investigação sobre sexualidades, observa-se ainda um significativo silêncio em torno das vivências lésbicas, especialmente quando interligadas aos fenômenos migratórios. Esta invisibilidade é reflexo não apenas de um contexto social profundamente heteronormativo, mas também de uma tradição epistemológica que historicamente privilegiou determinadas vozes e experiências, relegando outras a espaços marginais ou periféricos dentro do fazer acadêmico (Silva, Silva e Junckes, 2009).

No contexto da ciência brasileira, notadamente nos estudos urbanos, é possível notar que a sexualidade, e especificamente a sexualidade lésbica, permanece muitas vezes em segundo plano, sobreposta por abordagens mais hegemônicas ligadas aos estudos tradicionais sobre migração, que tendem a privilegiar perspectivas econômicas, demográficas e estruturais. Como salientam Silva, Ornat e Chimin Junior (2017), as epistemologias dominantes frequentemente reproduzem práticas discursivas que legitimam hierarquias sociais e silenciamentos de corpos que escapam às normas heterossexuais e patriarcais. Isso acaba por reforçar lacunas significativas na compreensão das identidades sexuais não normativas, contribuindo para perpetuar o estigma e a marginalização social.

Nesse sentido, Rose (1993) destaca que a espacialidade lésbica está sempre tensionada por discursos que determinam o que pode ou não pode ser expresso publicamente, resultando numa experiência espacial paradoxal onde o reconhecimento identitário ocorre parcialmente, condicionando as vivências lésbicas ao permanente jogo de ocultação e revelação. Essa perspectiva também encontra eco na epistemologia do armário discutida por Sedgwick (2007), que defende que a condição de estar “no armário” não se limita ao espaço privado, mas atravessa diversas escalas geográficas e sociais, afetando as relações interpessoais, os espaços públicos e as práticas cotidianas das mulheres lésbicas.

Desse modo, torna-se evidente que o silêncio acadêmico não é apenas um problema metodológico, mas político. A produção sobre política e planejamento

urbano, enquanto campo científico e socialmente situado, possui papel crucial na criação ou manutenção de narrativas que invisibilizam determinados grupos sociais. Portanto, romper com esse silêncio implica não apenas o reconhecimento das lacunas existentes, mas também um compromisso ativo com a visibilização dessas identidades e suas trajetórias espaciais.

O silêncio em relação às vivências lésbicas reforça a urgência por pesquisas comprometidas com o conceito de “conhecimento situado”, formulado por Haraway (1995), que reconhece as perspectivas sociais, políticas e corporificadas dos sujeitos envolvidos nas pesquisas científicas. Assim, ao explicitar a posição das mulheres lésbicas migrantes como agentes ativos e sujeitos de conhecimento, cria-se uma potente possibilidade para o avanço epistemológico na ciência feminista brasileira e para o campo dos estudos culturais, ao mesmo tempo em que se promove uma ruptura crítica e significativa com tradições heteronormativas e patriarcais presentes na academia e na sociedade em geral.

Desse modo, é fundamental destacar que a construção social do espaço, segundo Lefebvre (2001), é intrinsecamente relacionada às estruturas de poder e controle, impondo normas comportamentais e identitárias que, via de regra, reafirmam a heterossexualidade compulsória e as normativas de gênero hegemônicas. Dentro desse panorama, cidades pequenas ou médias podem se apresentar como espaços restritivos para mulheres lésbicas, em virtude de uma forte vigilância social do corpo e de práticas relacionais, controles familiares, e comunidades frequentemente permeadas por discursos religiosos e tradicionais que reforçam a invisibilidade, a manutenção da heterossexualidade compulsória e a estigmatização das sexualidades dissidentes.

Ou seja, é possível compreender a sexualidade enquanto produto de relações sociais-culturais que se materializam a partir de comportamentos que se materializam no corpo-espaço, ou seja, além de cultural, a sexualidade é uma categoria profundamente espacial, uma vez que se inscreve em corpos e espaços-territórios influenciando em experiências de vida, interações e exclusões sociais e em práticas afetivas. Nesse sentido, o campo dos estudos culturais converge com tal perspectiva ao trabalhar o espaço como produto e produtor de normas; neste ponto, ressalta-se a ideia da norma padrão estrutural no âmbito da sexualidade, sendo a heterossexualidade tão profundamente fundamentada na cultura ocidental-patriarcal que se confunde – almeja-se “naturalizar” – heterossexualidade com sexualidade,

como se outras possibilidades de experiências das sexualidades fugissem a norma, que por sua vez é cultural. Essa questão é discutida por Rich (2012) por meio do conceito de heterossexualidade compulsória, em que a autora denuncia que se trata de um regime de coerção de corpos e práticas que molda comportamentos e expressões que se materializam nas dinâmicas espaciais. Em complementaridade, Swain (2009, p. 30) reforça que “os estudo sobre o gênero durante longo tempo viram a heterossexualidade como uma realidade dada, natural, sem questionamento, ligada ao sexo biológico”, ou seja, a estrutura social apoiada na logica dominante é base de reforço da naturalização de vivências e comportamentos que se expressam no espaço.

3. DINÂMICAS E DESLOCAMENTOS ESPACIAIS: SEXUALIDADE, LESBIANIDADE E HETEROTOPIA ENTRE PARTIDAS E CHEGADAS

O conceito de heterotopia, fundamentado em Foucault (2013) é entendido como o espaço possível, desse modo, utiliza-se essa ideia para aprofundar a articulação entre sexualidades e espaços. Foucault (2013, p. 24) aponta que

“As heterotopias são lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade e que são espécies de contra-lugares, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os lugares reais, todos os outros lugares reais que se podem encontrar no interior da cultura, são ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos.”

A heterotopia, portanto, é um lugar real, porém que funciona de modo distinto do restante da dinâmica espacial, ou seja, um espaço de possibilidade da contra-norma. O espaço utópico é um espaço inexistente, porém, imaginado; já o espaço heterotópico, é um espaço real que possibilidades diferentes de espacialidades que não a heteronormativa. Desse modo, entre as partidas e chegadas, o deslocamento ao se relacionar com a lesbianidade envolve um cenário da busca pela possibilidade, sendo esta a relação fundamental com o conceito de heterotopia representar o lugar concreto de oposição ao espaços hegemônicos, ou seja, são espaços que abrigam o excluído, o desviante, o dissidente; espaços heterotópicos compreendem a dimensão da reivindicação pelo possível e, neste sentido, se situa o ideal de migração

comumente compreendendo o trajeto de cidades pequenas e médias para cidades grandes, uma vez que o ideal de liberdade em uma grande cidade compreende a possibilidade de distanciar-se da vigilância heterossexual e a vivência da lesbianidade em toda sua completude se torna possível.

Neste sentido, o ato de migrar emerge como uma estratégia profundamente significativa, envolvendo não apenas a busca por condições materiais e econômicas melhores, mas sobretudo por espaços sociais mais acolhedores e inclusivos, sendo o desejo por um espaço seguro e dotado de uma dinâmica espacial que compreenda as especificidades lésbicas um ideal a ser experienciado. Ao discutir tais aspectos, Sedgwick (2007) afirma que espaços urbanos mais populosos frequentemente oferecem maiores possibilidades para a criação de sociabilidade e redes de suporte e proteção, proporcionando contextos sociais onde o anonimato pode ser convertido em liberdade e autonomia para mulheres lésbicas. Essa questão pode ser compreendida através de entrevistas realizadas em processo de mestrado anteriormente publicadas na dissertação intitulada “Além de amar mulheres, amar a mim mesma”: vivências lesbianas de mulheres cis e deslocamento espacial entre cidades no Paraná - Brasil” (Fontanha, 2024) com base nas falas de Patrícia, Paloma, Poli e Pérola – nomes fictícios a fim de preservar as identidades.

Hoje eu tenho mais amigas lésbicas aqui em Curitiba do que lá na minha cidade. Ainda tenho o contato das minhas amigas de infância, que hoje em dia também são lésbicas, mas hoje meu ciclo é mais pertencente, eu vejo que foi muito pela facilidade que eu consegui. Eu não faço parte de nenhum movimento político, mas hoje eu tenho minha rede de apoio de amigas lésbicas. – Patrícia

Eu sempre quis sair de lá, a cidade era pequena, eu era muito de outro mundo. Queria viajar, queria conhecer os lugares, viver outras coisas e eu odiava, odiava muito ficava “meu deus, quero sair daqui” e eu acho que é muito comum no geral. Daí eu vim pra estudar e justamente pra ter essa vivência maior, era um sonho vir pra cidade grande. – Paloma

Através dos relatos de Patrícia e Paloma pode-se perceber como os deslocamentos para cidades maiores tendem a favorecer a construção de redes de apoio entre mulheres lésbicas, rede esta que é fundamental para produção de pertencimento e experiência da vivência espacial do corpo lésbico. Patrícia aponta que construiu mais amigas lésbicas em Curitiba quando comprada a cidade de origem.

Paloma aponta que o desejo de sair da cidade de origem se vincula com a falta de pertencimento em função da identidade lesbiana, ou seja, o deslocamento perpassa o desejo de novas experiências que rompem com a lógica do espaço heteronormativo. As duas falas indicam que a migração da cidade menor para a cidade maior pode possibilitar oportunidades de vivências urbanas entre lésbicas formando então redes de apoio. Essa análise se articula diretamente com a ideia de interseccionalidade proposta por Collins e Bilge (2021) evidenciando que as “normas da heteronormatividade estão intimamente ligadas a práticas disciplinares que constituem a identidade” (Colling; Bilge, 2021, p. 30), ou seja, as autoras defendem que há intersecções entre identidade e experiências, sendo elas reflexos de jogos de poder.

Além das falas de Patrícia e Paloma, outras duas lésbicas migrantes de cidades de diferentes portes, Poli e Pérola, também relatam que

Hoje, atualmente eu me sinto muito orgulhosa de mim mesma por ser o que eu sou, de estar onde eu estou em relação a isso, mas eu já tive muita, muita crise de personalidade por conta disso, principalmente na época que eu comecei a ficar com garotas e aí eu voltei a ficar com caras porque tinha aquela pressão da cidade pequena e uma pressão de todo um contexto. As referências sempre são muito heterossexuais, então era sempre aquela coisa voltada para isso, então eu achava que eu ia ser uma pessoa sozinha na vida porque nunca me imaginei em casal, construir uma relação com uma mulher ainda era impensável. Aí quando eu saí da casa da minha família e fui para uma cidade maior foi quando veio à tona essa questão de me relacionar com outras mulheres de fato. – Poli

Eu ainda não tive muita vivência em Londrina pra falar, mas é uma coisa que eu percebi bastante, principalmente por eu trabalhar em comércio em cidade pequena todo mundo me conhece. Então qualquer canto que você vai tem alguém observando, e então eu ficava muito acanhada de tudo, tudo principalmente pelo fato de eu não ser assumida e até mesmo por dançar uma música em um show na minha cidade de origem, eu ficava desconfortável. Porque, querendo ou não, eu pelo menos, eu tenho muita ansiedade social de ser julgada por não ser assumida [...] Mas dá pra perceber que em Londrina, sendo uma cidade maior, aqui consigo ser mais livre. – Pérola

As falas de Poli e Pérola evidenciam, por sua vez, como o contexto espacial impacta nas possibilidades de vivências das lesbianidades, e, isso se explica pela heterossexualidade compulsória que fundamenta um espaço heteronormativo. Poli

aponta que a pressão em detrimento da heterossexualidade compulsória, pois mesmo depois de se relacionar com mulheres, voltou a se envolver com homens em função da dificuldade de imaginar um futuro possível com uma mulher, fato este que reverberou em crises identitárias. Somado a isso, Pérola evidencia que a vigilância social na cidade de origem pautada na ideia de "todo mundo conhece todo mundo" gerava o medo de ser descoberta enquanto lésbica e consequentemente, sofrer preconceito, entretanto, ao comparar a vivência lésbica na sua cidade atual, maior que a cidade de origem, ela relata maior possibilidade de liberdade para vivenciar a lesbianidade, indicando que o contexto espacial pode reforçar heteronormas ou pode criar possibilidades para vivências dissidentes.

Nas cidades de origem – cidades menores em termos populacionais em relação as cidades de destino –, os espaços para vivência lésbica são de negação, o que se torna indissociável da corporalidade lésbica, pois sendo o direito a cidade negado, nega-se também a vivência social identitária. Nas cidades de origem as entrevistadas relataram o sentimento constante de vigilância e a necessidade de negociar continuamente suas identidades sexuais em contextos familiares, sociais e institucionais marcados pela heterossexualidade compulsória, conceito analisado em profundidade por Rich (2012) como já elucidado. Essas cidades, em geral, são identificadas pelas entrevistadas como espaços “apertados” e asfixiantes, reforçando a ideia de Rose (1993) acerca do espaço paradoxal do armário, onde mulheres lésbicas vivem simultaneamente em um espaço público de aparente normalidade heteronormativa e em um espaço privado marcado pela necessidade de ocultação constante.

Em contraposição, a migração para cidades maiores no Paraná, especialmente para metrópoles como Curitiba ou centros regionais como Ponta Grossa, Maringá e Londrina, aparece nas narrativas como um movimento de libertação simbólica e prática. Nestes espaços mais amplos e socialmente diversificados, enquanto espaços de possibilidade fundamentando da ideia de heterotopia (Foucault, 2013) as entrevistadas puderam encontrar formas mais plurais de expressão de sua identidade lésbica. Portanto, entende-se que em ambientes urbanos mais diversos e heterogêneos, o anonimato converte-se em um recurso espacial importante, permitindo que identidades até então silenciadas possam emergir e ser reconhecidas com menor risco de discriminação ou rejeição social explícita. Dessa forma, entre partidas e chegadas busca-se o espaço possível.

4. MIGRAÇÃO, ESPACIALIDADE DISSIDENTE E CORPORALIDADE: POR UMA INVESTIGAÇÃO FUNDAMENTADA NA INTERSECCIONALIDADE

A interseccionalidade apresenta-se como uma categoria analítica imprescindível na compreensão aprofundada das vivências das mulheres cis lésbicas, revelando nuances fundamentais para captar a complexidade das relações sociais vivenciadas no contexto migratório. Introduzida originalmente por Kimberlé Crenshaw, na década de 1980, e amplamente explorada por Collins e Bilge (2021), a interseccionalidade busca precisamente desvelar as múltiplas dimensões que estruturam as identidades e posicionamentos sociais dos sujeitos, ao compreender gênero, sexualidade, raça e classe não como categorias isoladas, mas como fenômenos inter-relacionados e mutuamente constitutivos.

De fato, Collins e Bilge (2021) argumentam que a identidade constitui uma dimensão fundamental na emergência e na operacionalização da interseccionalidade enquanto práxis crítica. Para essas autoras, as identidades são contextualmente situadas, implicando diretamente na forma como indivíduos se constroem e são percebidos nos diversos contextos sociais. Esta perspectiva evidencia que as identidades são fluidas e que os sujeitos são afetados diferentemente dependendo do local, da escala geográfica e das relações de poder existentes nesses espaços. Nesse sentido, a articulação entre identidade e corpo perpassa a perspectiva interseccional.

A interseccionalidade fornece estrutura para explicar como categorias de raça, classe, gênero, idade, estatuto de cidadania e outras posicionam as pessoas de maneira diferente no mundo. Alguns grupos são espacialmente vulneráveis às mudanças na economia global, enquanto outros se beneficiam desproporcionalmente delas. A interseccionalidade fornece uma estrutura de interseção entre desigualdades sociais e desigualdades econômica como medida da desigualdade social global (Colling; Bilge, 2021, p. 33).

Desse modo, entende-se a análise interseccional como a junção de fatores identitários que constituem um sujeito social. Ou seja, a vivência de uma mulher é diferente da vivência de um homem em função do marcador de gênero. A vivência de uma mulher lésbica é experienciada diferente de uma mulher heterossexual, apesar

de haverem semelhantes em função do gênero, a sexualidade é um marcador identitário de diferença nesse caso. Essa análise se expande para raça, classe, idade e até mesmo vivência espacial, sendo a centralidade ou a periferia urbana marcadores que expressam a identidade de um sujeito. Podemos pensar, por exemplo, que a experiência lésbica no centro e na periferia numa metrópole ocorre de forma distante, assim como, o mesmo pode ocorrer em cidades de diferentes portes, sendo a cidade pequena é uma experiência de armário e a cidade grande um espaço de possibilidades para vivências de sexualidades dissidentes.

Com isso, pensa-se no corpo enquanto categoria geográfica. Johnston e Longhurst (2023) apontam o corpo como espaço-território sendo ele a geografia mais íntima, portanto, entende-se que o corpo, submetido às dinâmicas culturais inscritas no espaço de vivência, é afetado por diferentes perspectivas culturais ao passo que nos afeta. Corpos são marcados por sexos que são expressados por gêneros – estruturalmente se fundamenta perspectiva binária, entretanto não se restringe a oposição masculino e feminino –, que por sua vez, não representam comportamentos “naturais”, pelo contrário, a marca do sexo e do gênero tendem a estabelecer comportamentos regulatórios fundamentando na lógica cisheteropatriarcal (Johnston e Longhurst, 2023).

A migração lésbica, nesse contexto, pode ser compreendida como possibilidade em busca da possibilidade, ou seja, não cabe a perspectiva de interpretação reduzida a fenômenos demográficos (Fontanha, 2024), trata-se de um processo cultural de rompimento com o espaço de vivência normativo que é constituído e reforçado pelo tradicionalismo fundamentalista da região que reforça padrões de famílias tradicionais e consequentemente em práticas que regulam corpos e experiências.

Entretanto, um ponto fundamental a ser elucidado é que o deslocamento espacial não se configura enquanto espaço de garantia, essa perspectiva compreende uma ideia utópica; o deslocamento espacial se configura como o espaço da possibilidade, e essa perspectiva compreende uma ideia heterotópica. Pois, a mudança de cidade não garante livre performance, haja visto que as cidades grandes não são isentas de lógicas hegemônicas de comportamentos e práticas que moldam a sexualidade, trata-se um conjunto de possibilidades que desafiam à norma e podem possibilitar a expressão e vivência da lesbianidade. Neste ponto, expressão compreende a corporalidade, roupas, corte de cabelo e a possibilidade, mesmo que

não necessária para ser lésbica, de rompimento com as atribuições de feminilidade a corpos femininos, e, vivência da lesbianidade compreende a relações com amigos LGBTQIA+, troca de afeto com outras mulheres em espaços de sociabilidade – sejam eles públicos ou privados, como o caso de bares, boates, cinemas, museus, shoppings, etc –, ou seja, heterotopias marcadas pelo corpo e pelo espaço.

Desse modo, entendendo que o espaço não assegura que não ocorram opressões, compreende-se que as diferentes corporalidades que compõem o espaço formam territórios de resistência que culminam em espaços de possibilidade, ou seja, apesar de não haver negação da norma, afinal trata-se de um enfrentamento estrutural e hegemônica, os espaços enquanto possibilidade desestabilizam e funcionam como heterotopias, sendo essa lógica do desvio trabalhada por Foucault (2013). Portanto, frente a essa perspectiva, a investigação da migração lésbica compreende uma questão epistemológica, pois considera repensar conceituações e relações conceituais, como o espaço, o corpo, a sexualidade e o próprio movimento migratório.

Nesse sentido, o deslocamento espacial lésbico abre novas frentes de investigação nos estudos socioespaciais, políticos e urbanos, uma vez que pensar a lesbianidade está para além de pensar a violência e a lesbofobia, mas também a compreensão de que mulheres lésbicas constroem relações espaciais, lugares, territórios, o que nos debruçar sobre essa investigação possibilita considerar a existência lésbica enquanto possível, gerando visibilidade e assegurando direitos. Para essa frente de investigação da lesbianidade e sua relação com o espaço recorre-se a Massey (2008, p. 95) ao compreender “o espaço como múltiplo, aberto e relacional, não acabado e sempre em devir, é um pré-requisito para que a história seja aberta, e assim, um pré-requisito também para a possibilidade da política”, ou seja, essa visão permite uma compreensão integrada e não neutra do espaço, através da compreensão do espaço “primeiramente, como uma manifestação das inter-relações; em segundo lugar, como uma possibilidade para a diversidade e a multiplicidade; e, por último, como uma entidade em perpétua construção e transformação” (Fontanha, 2024, p. 89).

Essa perspectiva compreende que o espaço é construído e se mantém em constante construção, ou seja, a migração lésbica na busca pela possibilidade de vivência em um novo espaço, em uma nova cidade, se torna possível em função das constantes transformações espaciais que desafiam a normativa espacial. Desse

modo, a interseccionalidade compreende uma frente possível de análise identitária, perspectiva essa fundamental para compreensão do sujeito migrante a fim de que não seja mais compreendida como uma massa universal de sujeitos, ou seja, articular a perspectiva interseccional na compreensão sobre corpo, espaço e sexualidade compreende a possibilidade de ampliação do campo geográfico e cultural além da valorização e respeito a identidade lésbica. Portanto, a lésbica ao movimentar-se rompe barreiras hegemônicas e culmina na constituição da equação de espaços possíveis, espacialidades dissidentes e heterotopias.

5. CONCLUSÃO

Este estudo que consiste na elaboração teórica sobre deslocamento espacial de mulheres lésbicas no contexto de cidades de diferentes portes através da investigação complementar dos resultados metodológicos de uma dissertação de mestrado, possibilitou a articulação com os conceitos de heterotopia, espacialidades, sexualidades e corporalidades sob a ótica da articulação entre corpo e espaço. Portanto, ressalta-se que pensar a migração lésbica a partir dessa perspectiva consiste em entender que apesar de a cultura dominante moldar as relações sociais e as dinâmicas espaciais, existem possibilidades de vivência que se configuram enquanto resistência e produzem novas relações espaciais que culminam em novas expressões culturais, passando a compreender que pensa-se em espaços, culturas, vivências, relações, ou seja, no plural, que é o que garante multiplicidade identitária e possibilidade de diferentes expressões.

Assim, os estudos sobre deslocamentos espaciais ao considerar o deslocamento espacial lésbico desafiam a homogeneidade científica, uma vez que questiona normas e dinâmicas universalizantes e hegemônicas de relações sociais e espaciais. Desse modo, ao se moverem no espaço as dinâmicas lésbicas constroem novas espacialidades, haja visto que neste ponto atravessam as dinâmicas do espaço enquanto possibilidade. Possibilidade de viver, de existir, de desejar, de pertencer, de permanecer ou de mudar.

O corpo, nesse sentido, é indissociável da compreensão sobre espacialidade e do ideal e do concreto, pois o corpo é a possibilidade de seguir a norma ou de romper com a norma, o corpo é responsável pela vivência e consequente pelas relações sociais, culturais e espaciais – não que essas três estejam dissociadas –, o corpo é a

representação de significados. Por isso, é fundamental ressaltar que a interseccionalidade é fato fundamental nessa compreensão, afinal, as intersecções de raça, classe, gênero, sexualidade, idade, cultura e território influenciam na forma e cada corpo se apresenta, se comporta e circula, uma vez que existem espaços e práticas permitidas ou negadas, e, é aqui que a tensão, a heterotopia, entre o ímpeto de negar e controlar e a possibilidade de existir e romper.

Frente a isso, finalizar a discussão no corpo de texto deste trabalho não significa finalizar o debate, pelo contrário, é a possibilidade de continuar produzindo culturas outras. É abrir caminho para as dinâmicas interseccionais sejam amplamente discutidas e consideradas no campo das ciências humanas e urbanas entendendo a questão identitária da mulher lésbica, uma vez que a lesbianidade contempla uma dupla especificidade pelo marcador de gênero e de sexualidade, ou seja, envolve ser mulher e ser lésbica (Valentine, 1996). Desse modo, a migração lésbica é a busca por outros espaços, cada trajeto, cada passo em busca de um novo lugar e do anseio de vivenciar a lesbianidade é a demonstração que o corpo reinventa o espaço.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2021.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: Edições, 2013.
- FONTANHA, Paula Junqueira Braga do Carmo. **“Além de amar mulheres, amar a mim mesma”: Vivências lesbianas de mulheres cis e deslocamento espacial entre cidades no Paraná - Brasil**. 2024. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa - Paraná, 2024.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.
- JOHNSTON, Lynda; LONGHURST, Robyn. A geografia mais íntima: o corpo. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. **Corpos e geografia**: expressões de espaços encarnados. Ponta Grossa: Todapalavra, 2023, p. 43-68.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2001.
- MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Revista Bagoas** - Estudos gays: gêneros e sexualidades, Natal, v. 4, n. 05, p. 18-44, 2012.
- ROSE, Gillian. **Feminism & Geography**: the limits of geographical knowledge. Cambridge: Polity Press, 1993. p. 137-160.
- SANTOS, A. E. C. dos; SILVA, J. S.; HAILE, V. de O.; ORNAT, M. J. Produção científica geográfica brasileira sobre lesbianidades: invisibilidade acadêmica e social. **Educação: Teoria e Prática**, [S. l.], v. 34, n. 67, p. e75[2024], 2024. DOI: 10.18675/1981- 8106.v34.n.67.s17931.
- SEDGWICK, Eve. A epistemologia do armário. Tradução de Plínio Dentzien. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 28, p. 19-54, jan-jun, 2007.
- SILVA, Joseli Maria. Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica. In: SILVA, Joseli Maria. **Geografias Subversivas**: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. 1. ed. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009. p. 55- 92.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN-JUNIOR, Alides. **Geografias feministas e pensamento decolonial**: a potência de um diálogo. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN-JUNIOR, Alides. Diálogos ibero-latino-americanos sobre geografias feministas e das sexualidades. Ponta Grossa: Toda Palavra, p. 11-30, 2017.

SILVA, Joseli Maria; SILVA, Edson Armando; JUNCKES, Ivan Jairo. **Construindo a ciência**: elaboração crítica de projetos de pesquisa. Curitiba: Editora do Instituto Cultural de Jornalistas do Paraná, p. 1-92, 2009.

SWAIN, Tânia Navarro. Heterogênero: uma categoria útil de análise. **Revista Educar**, Curitiba, n. 35, p. 23-36, 2009.

VALENTINE, Gill. Renegotiating the heterosexual street: lesbian productions of space. In: DUNCAN, N. (org.). **Body Space**: destabilizing geographies of gender and sexuality. London: Routledge, 1996. p. 145-154.